

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IR AO CINEMA EM 1974
9 e 13 de Abril de 2024

THE PARALLAX VIEW / 1974
(A Última Testemunha)

Um filme de Alan J. Pakula

Realização: Alan J. Pakula / Argumento: David Giler e Lorenzo Semple Jr, baseado num romance de Loren Singer / Direcção de Fotografia: Gordon Willis / Direcção Artística: George Jenkins / Decoração: Reg Allen / Guarda-Roupa: Frank Thompson / Música: Michael Small / Som: Tom Overton / Montagem: John W. Wheeler / Interpretação: Warren Beatty (Joseph Frady), Hume Cronyn (Bill Rintels), William Daniels (Austin Tucker), Kenneth Mars (Will), Walter McGinn (Jack Younger), Kelly Thordsen (xerife Wicker), Jim Davis (Senador Hammond), Bill McKinney (assassino), Edward Winter (senador Jameson), William Jordan (imediate de Tucker), Bill Joyce (senador Carroll), Paula Prentiss (Lee Carter), etc.

Produção: Paramount Pictures / Produtor: Alan J. Pakula / Produtor Executivo: Gabriel Katzka / Cópia: 35mm, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 101 minutos / Estreia em Portugal: Apolo 70, a 14 de Maio de 1976.

Nota: Verificou-se, após visionamento técnico do filme, que a cópia enviada à Cinemateca de **The Parallax View** contém inúmeros riscos ao longo de toda a projecção, cortes permanentes de curta duração, uma degradação cromática muito acentuada (com várias cenas totalmente rosas), assim como um efeito de ondulação, na imagem, devido ao estado deteriorado da película. Por este imprevisto, pedimos as nossas desculpas.

The Parallax View é certamente um dos filmes mais paranóicos do cinema americano dos últimos cinquenta anos. Realizado com o caso Watergate em fundo, e numa altura em que corriam as mais delirantes teorias da conspiração sobre o assassinato de John Fitzgerald Kennedy cerca de dez anos antes, o filme de Pakula recentrava a “fonte de alimentação” da paranóia: o perigo já não vinha de fora, já não eram os antagonistas tradicionais do tempo da Guerra Fria; o perigo, invisível e sibilino, estava agora bem dentro da América, escondido pela opacidade que as estruturas institucionais foram criando ao longo das décadas que se seguiram à II Guerra.

Narrativamente, são muitos os pontos de contacto com o mais célebre “filme de paranóia” dos anos 60, o **Manchurian Candidate** de John Frankenheimer, que relatava uma sinistra conspiração para colocar um “fantoche” na Casa Branca e deixar os Estados Unidos nas mãos dos seus inimigos externos. Mas, curiosamente, são ainda mais os pontos de contacto entre **The Parallax View** e o mais recente remake do filme de Frankenheimer, dirigido por Jonathan Demme: como nele, o filme de Pakula reflecte – talvez pela primeira vez – a desconfiança crescente em relação ao chamado “corporate power” e à influência dos grandes conglomerados económicos na definição da política (externa ou interna) dos Estados Unidos.

Claro que o que é relevante aqui não é a “denúncia” nem a validade da “teoria da conspiração” (uma entre os milhares que continuam a proliferar) que o filme propõe. O que é relevante é o modo como **The Parallax View** trabalha enquanto “sintoma” do mal estar e da incomodidade do cidadão comum face à distância erguida entre ele e as estruturas do poder. Alan J. Pakula, um dos nomes mais conhecidos da “ala liberal” do cinema americano dos anos 60 e (sobretudo) 70, era obviamente um cineasta sensível a essa incomodidade. De resto, voltou a filmá-la, partindo de pressupostos verídicos, no seu filme seguinte, **All the President’s Men**, sobre as investigações do Watergate. Ao pé dele, **The Parallax View** é quase uma “abstracção”, e tão vaga que, aparentemente, pouca gente percebeu de que estava Pakula a falar: o filme foi um enorme flop quando estreou, exactamente o oposto do que aconteceria com o filme do Watergate, provavelmente o maior sucesso da carreira de Pakula.

Por outro lado, **The Parallax View** é um filme “anómalo”, por assim dizer, no contexto do cinema americano. Tem um ritmo de sonâmbulo, à beira da letargia ou do transe hipnótico - é um filme silencioso, cheio de hiatos e de elipses, cheio de sombras e coisas por explicar, sem sublinhados. É uma experiência narrativa bastante interessante, tanto mais que parece evidente que Pakula estava preocupado encontrar uma forma que exprimisse uma espécie de “adormecimento”. E é aí que tudo se torna um pouco mais complexo, visto que o trajecto do protagonista Warren Beatty, se começa por equivaler a um “despertar” (alguém que investiga o assassinato de um senador, não se deixando convencer pelas conclusões do inquérito oficial), torna-se muito mais ambíguo com o curso do filme. A opacidade alastra - o verdadeiro e o falso, o real e o encenado, tudo se confunde. Não há nenhum conforto, nenhuma justiça, apenas uma espiral cada vez mais turva. De certa maneira, **The Parallax View** é também um discurso sobre a paranóia, montado como um círculo vicioso - num filme que tem, de resto, uma estrutura circular, em que o fim reencontra o princípio.

Há várias coisas notáveis no filme de Pakula. O plano inicial, o totem índio que um movimento de câmara vem reenquadrar contra uma torre moderna, que por contraste se transforma num objecto de ficção científica. O tom do filme, a sua capacidade de filmar uma figura na paisagem atribuindo-lhe uma aura ameaçadora, fica aqui marcado. Mas aqueles longos planos na convenção, já perto do final, com o campo sempre muito aberto, também são extraordinários na sua “neutralidade” e no modo como salientam, no espectador, a sua condição de... espectador, profundamente desamparado pelo facto de lhe não ser “imposto” um ponto de vista (que também já não pode ser o da personagem de Beatty). Também convém assinalar o magnífico trabalho sobre a banda sonora, peça essencial na articulação do registo de estranheza sobre o qual o filme se constrói: **The Parallax View** é um filme maioritariamente silencioso, mas onde o silêncio está sempre a ser ferido por ruídos violentos - o da passagem de um avião ou do disparo de um tiro, por exemplo.

Luís Miguel Oliveira